

O poeta Bertolt Brecht

Bertrand de Born foi um poeta político e guerreiro: cantou no século XII a beleza da guerra; como cavaleiro sem fortuna, vivendo da sua espada, vinham-lhe sempre ódio e despeito quando avistava, do alto do seu castelo de Hautefort, comboios de mercadores passando, em baixo, na estrada, a caminho das feiras e dos mercados; pertencendo a uma nobreza empobrecida, membro de uma classe que começava a perder o seu prestígio, o trovador Bertrand regozijava-se, nos seus *sirventés* com a aproximação da guerra:

Vieirem en brieu que il se gles será bos.
(Veremos em breve como o mundo será belo).

Belo para ele, pois a guerra era empecilho para aqueles que em tempos tranqüilos enriqueciam. Bertolt Brecht foi um poeta político e pacifista: cantou no século XX a beleza da paz; testemunha participante da nova transformação social a se produzir no mundo, foi um trovador moderno e, como os “troubadours”, na Idade Média, percorriam as cortes e os castelos, animando e proclamando a guerra contra os mouros, a partida para as Cruzadas, Bertolt Brecht também cantou e fez cantar nas ruas as verdades de nosso tempo. Na sua primeira coleção de poemas: *Hauspostille* (Livro de orações domésticas), é evidente a influência das baladas de François Villon, comum é a atitude dos dois poetas diante da vida. Como Villon, Brecht está sempre ao lado do povo, usa a mesma linguagem coloquial e simples, emprega os mesmos refrãos ao fim de cada estrofe, introduz em cada poema alguma coisa de si e da sua precária condição humana. Apenas no grande poeta alemão, que vem de desaparecer, não há o pessimismo e a desesperante miséria física e moral do poeta francês. Brecht diz no seu *Vom armen B.B.*,

*Bei den Erdbeben, die kommen werden, werde ich hoffentlich
Meine Virginia nicht ausgehen lassen durch Bitterkeit.*
(Nos terremotos que hão de vir, espero,
Que, por amargura, não se apague o meu charuto.)

Das outras influências sofridas por Brecht – que foram muitas – e sem falar na dos poetas expressionistas que nele era constante, a de Rimbaud lhe forneceu o aspecto mais lírico da sua poesia; pelo menos é através dela que compõe algumas das magníficas baladas do *Hauspostille*, como *Legende von toten Soldaten*, *Liturgie vom Hauch*, e sobretudo essa admirável *Vom ertrunken Mädchen*, que traduzi como *A Moça Afogada*. O lirismo, entretanto, a que aludo aqui é aquele que se exprime numa atmosfera sentimental produzida pelo efeito de belas imagens tradicionais, porque B. Brecht é também o criador de um novo lirismo, inteiramente original, imanente nas coisas e nas ações comuns da vida. Lirismo obtido por uma série numerosa de efeitos particulares, de acentuações especiais introduzidas nas expressões da linguagem coloquial, provocando a indução de certas imagens que aparecem, às vezes, vagas, contraditórias ou obscuras, dentro da fórmula vulgar do seu estilo. Em 1940, por exemplo, diz ele:

*Mein junger Sohn fragt mich: Soll i ch Franzosisch lernen?
Wozu, mochte ich sagen. Dieses Reich geht unter. Und
Reiber du nur mit der Hand den Bauch und stohne.*

.....

A alusão à língua francesa faz surgir, por “mentar” psicológico, a França abatida pela invasão alemã, naquele ano, e a possibilidade do menino ali viver. A rapidez, a facilidade de induções desse gênero é freqüente na poesia e no drama de Brecht que, muitas vezes, apenas sugerem, provocam, por simples afinidade, repercussões mais amplas; é verdade que esses efeitos são comuns na poesia moderna, e sobretudo na poesia alemã de Trakl e de Heym, mas, não utilizando uma linguagem tão despojada, tão despossuída de halo poético como a que foi usada pelo autor de *Mutter Courage*, e, ainda mais, não por necessidade de síntese ou economia de meios, pois os seus poemas, como os de Peguy, são cheios de repetições às vezes monótonas e enfadonhas; é verdade também que as induções existentes nesse processo poético foram motivadas pela utilização, originariamente, de elementos alheios à poesia (*Verfremdungseffekt*) introduzidos para completá-la, como a música, o desenho, os cartazes, etc... processo característico da poesia dos cantores de feira (*Bankelsanger*) que Brecht largamente cultivou nos seus poemas e nas suas peças teatrais.

A sua poesia aparece também mesclada de velhas imagens tradicionais e de vulgarismos, um pouco à feição do nosso Augusto dos Anjos e de vários poetas do movimento modernista de 1922, entre eles, do já bastante esquecido Jorge Fernandes. Bertolt Brecht é indiscutivelmente um dos maiores poetas alemães contemporâneos: desfruta mesmo, ao lado de Rainer Maria Rilke e Georg Trakl, de maior fama e de maior atualidade entre os poetas modernos da Alemanha.

A sua atitude, as suas ousadias provocaram apreciações diversas, e vivas controvérsias; entre as primeiras, por serem as mais curiosas, convém aludir às do teólogo católico Karl Thieme que o chamou “Poeta do Diabo”; como comentário final desta nota quero apenas ponderar: que sedução sentiu o teólogo por esse “sem Deus” a ponto de escrever sobre ele dois ensaios? Que atração poderia encontrar o padre católico?